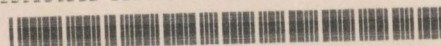


SEGURADO, Milton Duarte.  
Campinas, 27 set. 1972.

Fosca: a esfera e a cruz.

Diário do Povo,

Biblioteca Centro de Memória - Unicamp



CMUHE010015

'A esfera e a cruz

## “FOSCA”

MILTON DUARTE SEGURADO

Quando Carlos Gomes tinha oito anos (1844) foi encontrada a sua mãe, Fabiana (Nhá Biana), morta a tiros e punhaladas, no jurumbeval, situado atrás da casa em que residia (na hoje rua Regente Feijó) e onde se ergueu posteriormente a já demolida Escola Correia de Melo.

Jamais se identificou a pessoa responsável pelo homicídio doloroso, pesando suspeitas, na ocasião, sobre o próprio marido, Maneco Músico, inocentado por um alibi — jogava cartas com um compadre.

O fato marcou de tal maneira o menino Tonico que, mais tarde, narrou ter-lhe apanhado a visão, em pleno dia, em um barranco, de sua mãe, que lhe acenava, chamando-o. Não interessa tratar aqui a mensagem que do além lhe trazia o espírito da falecida — já comentada por Benedito Otávio na melhor biografia curta que existe sobre Carlos Gomes, publicada na Revista do Centro de Ciências.

Haveria, na obra gomesiana, indício, pequeno que fosse, a assinalar esta tragédia, já em si tão cruel, e mais marcante ainda por se tratar de tão sensível criança? E sabem do-se mais que “nihil est in intellectu quod prius non erit in sensu”?

A mais perfeita ópera do campineiro é a “Fosca”, a melhor instrumentada, repleta de veracidade, romântica no fundo mas tocada de traços bem realistas na protagonista — obra que compôs para si mesmo, com inteira liberdade de idéias e estilo. A “Fosca”, sua quarta ópera, é de 1873, precedendo de três anos “La Gioconda” (1876) e “Cármén”. É profetizadora, pois, do verismo (realismo italiano) e antecipa o wagnerismo de Puccini, notadamente o da “Tosca”. Era a preferida do autor e foi, assim, dedicada à pessoa que mais venerava neste mundo: Santana Gomes — seu ÚNICO IRMÃO UTERINO, ou seja, o outro filho, mais velho, da MÃE ASSASSINADA.

Sempre mal servido de textos, ajudou-o muito, nesta legítima obra-prima, o bom libreto de Ghislanzoni, o libretista capaz de “Aida”. Não tendo à disposição um Metastásio, nem um Boito, sequer um Lorenzo da Ponte — o libretista de Mozart — foi este o melhor libreto de que dispôs Carlos Gomes em toda a sua carreira. Com a “Fosca” conseguiu o compositor o máximo que lhe seria possível: conseguiu ser discutido,...

Escreve Mário de Andrade na “Revista Brasileira de Música”, n.º especial do centenário (1936), pg. 251-263: ... “a “Fosca” tem um valor intrínseco excepcional” (...) (com que Carlos Gomes) “pretendeu se elevar ACIMA DE SI MESMO e do seu tempo” ... “Ela se iguala a muitas óperas (...) de Verdi, de Bellini, de Weber, de Wagner”. (...) “E os que citei eram todos gênios de primeira grandeza, o que Carlos Gomes não foi”.

ELEVAR-SE ACIMA DE SI MESMO! ... Melhor que elevar-se acima de Giuseppe Verdi!...

A tragédia por que passou, em menino, parece inserir-se no enredo e música da “Fosca” — drama violento de sangue e vingança.

Carlos Gomes, filho legitimado por posterior casamento, era fruto de paixão romântica, — romântico ele mesmo e de tipo exaltado. Embora não viciado como Dostoiévski, perdeu no jogo o dinheiro que apurara com “O Guarani”.

No fim da vida teria que pender para o verismo e sua “Oda-léia (ex-“Cândor”) devia ser a obra máxima, de enredo fantástico, tal conto-de-fadas, não ficasse ela enterrada para sempre pelo absurdo libreto de Mário Canti.

Santana Gomes representava para o autor de “Lo Schiavo” o papel de pai; era o seu pai, subjetivamente considerado. Assim, tinha que lhe oferecer a sua filha predileta, a “Fosca”, drama que trata do RAPTO das venezianas pelos corsários de Gaiolo.

“Fosca” — rapto, banditismo, estupro, violência, sangue, paixão e vingança...

Escreto “O Guarani” para o público, almejando glória, tendo-a obtido, compôs a “Fosca” para si mesmo, sobre um bom libreto, e completa independência de idéias e composição, resultando uma obra incompreendida e atacada, que colocou sob debate o seu nome de compositor. Com “Salvador Rosa” regrediu, compondo uma ópera ao gosto popular, um “pot-pourri” de melodias napolitanas. (Cfr. o prefácio do Dr. Paulo Cerquera, recém falecido, para o “Carlos Gomes” da edição Inteligência).

Para Freud, Napoleão teve os seguintes “pais”, além do próprio o rei de França, o aventureiro Paoli, e seu próprio irmão (de Napoleão) José Napoleão odiava o próprio “pai” (no caso, o marido da mãe). E no Código Civil, que leva o seu nome, proibiu a investigação de paternidade.

Visitando Emil Ludwig, em 1927, Freud, em Viena, pergunta-lhe este: — “Qual era o irmão dileto de Napoleão? — Luciano, respondi. — Não, José. (...) — Está bem, José. Mas que houve com este? — José, o irmão mais velho, ocupava no sentimento de Napoleão o lugar do pai, representava o pai (...) Porque via em José o pai, Napoleão desposou uma mulher que se chamava JOSEFINA; e (...) partiu para o Egito (a terra de José). Pareceu-me — escreve o biógrafo de Beethoven — estar sonhando. Diante de Freud, porém, isto seria perigoso...” (Emil Ludwig, “Freud desmascarado”, J. Olímpio, Rio, 1948, pg. 200).

Carlos Gomes amava o irmão Santana (Juca) — também compositor da ópera “Alda” e outras peças sacras, talvez de cunho mais clássico que romântico — como o filho ama o pai. Era o filho mais velho da mãe assassinada, que lhe aparecera para contar de seu próprio homicídio. Era o seu único irmão uterino, de quem talvez esperasse o que faltara de amor materno.

Espírito superior, teve Carlos Gomes, pelo menos uma vez, ligação direta com o sobrenatural (que é a coisa mais natural que há no mundo...), quando lhe apareceu o espírito de Nhá Biana. E deu toda a força de sua inspiração de grande músico ao compor a “Fosca”, oferecendo a filha predileta ao irmão/pai.

Ao ouvirmos o Prelúdio da “Fosca” sentimos a presença invisível de um ser trágico, de alguém que vai perecer tragicamente, é aquele tema penetrante e dramático que se destaca da partitura, e confiado creio que ao oboé... tema genial, digno de um Wagner...

E agora a pergunta para a qual não temos ainda resposta:

— Não seria o tema da “Fosca” o “leit-motiv” INCONSCIENTE que representa em sua obra a mãe ASSASSINADA?